

## “DUAS VISÕES SOBRE O PRÓXIMO E O DISTANTE”<sup>1</sup>

Priscila Nucci\*

**RESUMO:** Através da retomada de *Le Prochain et le Lontain* (1970) de Roger Bastide e *O Próximo e o distante: Japão e Modernidade-Mundo* (2000) de Renato Ortiz – pretendo indicar certas peculiaridades de cada autor e tempo no enfoque dos temas da modernidade, da modernização e do outro, vistos no campo intelectual das Ciências Sociais. Tendo em vista que o objeto sociológico é construído e muda conforme os contextos e as épocas, a retomada dos dois textos serve como uma forma de historicizar e explicitar certas mudanças.

**PALAVRAS-CHAVE:** Roger Bastide; Renato Ortiz; mundialização; modernidade; modernização.

Meu objetivo é refletir sobre as ligações e descontinuidades de duas obras que se inscrevem nas Ciências Sociais - *Le Prochain et le Lontain* (1970) de Roger Bastide e *O Próximo e o distante* (2000) de Renato Ortiz, através das temáticas da modernidade, da modernização e do outro. Considero importante a referencialidade existente entre as duas obras, não somente pela relação existente entre os dois autores – Bastide foi orientador de Ortiz, quando este doutorou-se na França na década de 1970 –, mas também pela possibilidade de retomar a historicidade dos momentos em

---

<sup>1</sup> O presente trabalho foi realizado com o apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP e faz parte do desenvolvimento do projeto de doutorado “A elaboração dos saberes sobre o racismo no Brasil e as imagens recriadas dos afro-brasileiros: textos de Roger Bastide sobre religião e anti-racismo”.

\* Doutoranda em Sociologia - IFCH/ UNICAMP, Mestre em História Social do Trabalho - IFCH/ UNICAMP, Membro do Centro de Estudos Brasileiros (CEB – IFCH/ UNICAMP).

que ambos os livros foram escritos e pela percepção das transformações de certos conceitos e análises utilizados pelas Ciências Sociais.

*Le Prochain et le Lontain* (1970) é um livro em que se analisa o encontro de culturas ou a “interpenetração de civilizações” diferentes, visto através dos temas do preconceito racial e das diferentes formas de aculturação. O livro é composto de artigos e conferências escritos após 1950, mas que encontrariam sua unidade na “intenção de combater o racismo” e o etnocentrismo (Moraes, 1986, p. 103). Não é a obra mais citada de Bastide, e não tem o mesmo vulto e a circulação de sua produção sobre as religiões de origem africana no Brasil (Bastide, 1971; Bastide, 1978). Apesar disso, a retomada de alguns de seus aspectos é importante para analisarmos o lugar deste intelectual nas reflexões sobre o “outro”, sobre o racismo, a modernização, e a modernidade no período anterior aos anos de 1970, e mesmo para pensarmos na diluição da importância de Bastide nos trabalhos de Ciências Sociais das décadas posteriores, no Brasil. Neste sentido, o título do livro de Ortiz nos indica um tempo e uma outra obra, que provavelmente não seriam tão lembrados se não fosse a referência.

*O Próximo e o Distante* (2000) de Renato Ortiz, por sua vez, é um livro sobre a modernidade, a globalização e a mundialização da cultura<sup>2</sup> vistas através do exemplo do Japão, e que faz uma homenagem a Roger Bastide, seu orientador, que tem um livro de título semelhante, cujos temas principais são o racismo e o encontro de civilizações diferentes. A retomada do título do livro de Bastide por Ortiz nos abre a possibilidade de encontrar uma série de conexões e descontinuidades de temas e elementos dentro das Ciências Sociais, e assim, também nos indica a historicidade de dois momentos dessa disciplina. O próximo e o distante de Bastide não são os mesmos de Ortiz, como este último anuncia no começo de seu texto:

“...Como no mundo contemporâneo as noções de próximo e distante, familiar e estranho se alteram profunda-

---

<sup>2</sup> O autor utiliza o termo “mundialização” para tratar da problemática cultural e o termo “globalização” para a compreensão das esferas econômica e tecnológica”, buscando “escapar de um certo determinismo que vê o mundo da cultura como um mero reflexo de outras instâncias (Ortiz, 2000, p. 11).

mente, procurei, no título do trabalho, explorar esta amplitude” (Ortiz, 2000, p. 16).

Estes conceitos, como eram vistos em Bastide, se desintegram na análise de Ortiz sobre a “modernidade-mundo”, assim como os conceitos de “outro” e de territorialidade. O Japão visto por Ortiz faz parte desta “modernidade-mundo” e é atravessado pelo processo de globalização e de mundialização da cultura, que atravessa civilizações e nações. Assim, é um “outro” que está próximo, embora o processo de estabelecimento de sua modernidade tenha seguido caminhos próprios, o que o autor demonstra ao analisar o papel de certos elementos internos ao Japão, no desenvolvimento desta modernidade: os modelos de disciplinarização oferecidos pela tradição, o mundo do trabalho ancorado nas estruturas tradicionais reinterpretadas pela modernidade, o lugar do consumo na sociedade tradicional e na sociedade modernizada, etc. Através da instância transnacional do consumo cultural o autor mostra que este consumo desestabiliza as estruturas tradicionais e oferece em seu lugar um outro imaginário mundializado. Assim, a globalização rompe dicotomias, como ocidente e oriente, próximo e distante e nos

“coloca diante de uma compreensão distinta [da dinâmica internacional]. Quando se fala em sociedade global, modernidade-mundo, mundialização, nos referimos a um fluxo que atravessa as diversas formações sociais existentes. Afirma-se, assim, a existência de um conjunto articulado de relações sociais planetárias. Sua inteligibilidade já não mais decorre da interação entre as partes. Pelo contrário, devemos inverter nossa perspectiva e perguntar como esse conjunto articulado reordena as partes que o compõem. Neste caso, as relações deixam de ser percebidas como sendo ‘inter’ (nacionais, culturais ou civilizatórias) para se constituir como ‘intra’, isto é, estruturais ao movimento da globalização” (Ortiz, 2000, p. 68).

Deste modo não estaríamos mais no contexto das “interpenetrações de civilizações” de Bastide, mas num momento em que as relações passam a ser vistas de forma bastante diferente, ou seja, como relações

desterritorializadas. Seria interessante retomarmos a frase de Mircea Eliade que abre o livro de Bastide, a qual nos dá a medida da diferença dos “mundos” analisados:

*“L’époque moderne... est caractérisée par la confrontation avec les ‘inconnus’, les ‘étrangers’ et leurs mondes, univers insolites, non familiers, exotiques ou archaïques”* (Eliade apud Bastide, 1970, p.7).

Neste livro de Bastide existe uma preocupação em denunciar o etnocentrismo e os perigos da ocidentalização (ou como diz ele, da adoção de técnicas e valores do ocidente) dos povos asiáticos e africanos, que com isso correriam o risco de perder suas personalidades, e a chance de apresentar suas contribuições culturais únicas, entre os outros povos, *“à la grande aventure de l’espèce humaine sur le globe”*. Não bastaria, portanto, que se verificasse a melhoria das condições políticas, econômicas e sociais dos africanos e asiáticos na ordem internacional. Sua inclusão na organização mundial não deveria significar a perda dos valores originais de cada etnia. Ou seja,

*“L’inclusion ne doit pas être l’assimilation. Si l’égalité et le respect mutuel ne peuvent évidemment pas s’établir entre un peuple oppresseur et un peuple opprimé, ils ne peuvent également s’établir entre un peuple qui apporte et un peuple qui renierait son identité pour ne faire que recevoir”* (Idem, p.10).

Dáí seu interesse em analisar o encontro de civilizações, e mostrar os processos de trocas culturais, *“qui sont toujours, par quelque côté, des échanges à deux sens – et par conséquent qui se traduisent par un enrichissement mutuel des deux groupes en confrontation”*, processo este que ele caracteriza como *“mariage de leurs civilisations”*, como síntese inventiva de elementos (Idem, p.11).

No texto apresentam-se fortemente os sinais da territorialidade, através da menção aos asiáticos e africanos contrapostos ao ocidente, e através dos conceitos de assimilação etnocêntrica e de aculturação, ou de contato de civilizações.

No contexto da mundialização, os contatos culturais se fazem em outros patamares, pois este processo *“invade e transforma as formas cul-*

turais”, e “tende a ser incompatível com a manutenção das culturas” locais (Ortiz, 2000, p. 69).

Assim, a sociedade japonesa analisada por Ortiz, através do processo de globalização econômica e de mundialização da cultura, é vista como inserida em outro ciclo, no qual o consumo também afirma identidades (Idem, p. 116):

“A modernidade-mundo traz com ela valores que, por serem mundiais, independentemente de histórias peculiares de cada lugar, pela sua amplitude, e por expressarem um processo sócio-econômico que atravessa nações e povos, determinam novos padrões de legitimidade... [No] Japão o consumo se sobrepõe às instâncias socializadoras anteriores” (Idem, p. 111-112).

A aculturação também ganha uma nova análise nesse contexto específico, em que tanto “ocidentalização”, como “japonização” são deslocados. Para Ortiz, a mundialização redefiniria estas situações, pois diante do “movimento de desterritorialização, conceitos como Oriente e Ocidente perdem consistência” (Idem, p. 142, 152, 177-178). Assim,

“no contexto de uma sociedade globalizada, o que ela apreende como uma relação de exterioridade, Ocidente x Oriente, deve ser considerado uma expressão de interioridade. A oposição *yo/na* é superada por tipos de dominação que integram a modernidade-mundo. A hierarquização dos gostos e dos comportamentos, que ...pertencia a uma dimensão antitética, torna-se constitutiva de um mundo global (o que não significa que ele seja homogêneo)” (Idem, p. 152).

Os conceitos de tradição e modernidade também são reavaliados nesta perspectiva, encontrando-se assim uma “tradição da modernidade”, ou seja, o “solo cultural no qual se enraíza a conduta dos indivíduos”. O autor desloca, dessa forma, a oposição passado/ presente para “outro nível de compreensão”:

“O que me interessa já não é tanto a contradição entre esses termos, mas a ‘tradicionalidade do moderno, sua presença enquanto elemento constitutivo do mundo contemporâneo.

Visto por esse prisma, o tema da ‘milenaridade’ da cultura nipônica... ou de sua redefinição pela modernidade, cede lugar ao dinamismo do presente. É ele, enquanto moderna tradição, que nos permite esclarecer alguns aspectos do processo de mundialização da cultura” (Idem, p. 156).

## O OUTRO E O MESMO

Quando Bastide nos anuncia seu método em *As Religiões Africanas no Brasil* (1971), mostra uma vontade de se aproximar do outro, o “negro”, o “africano”, em busca de sua compreensão (Bastide, 1971, p. 17-44). Em *As religiões africanas no Brasil* (1971) e em *O Candomblé da Bahia* (1978), Bastide nos dá uma visão extremamente sofisticada e delicada do mundo religioso afro-brasileiro, que deixa sua marca nos estudos de religião e sobre anti-racismo. As imagens elaboradas por Bastide e outros autores sobre esse mundo religioso e sobre os negros apresentam-nos um “outro” diferente para aquela época e sociedade, um negro com origem, com uma cultura valorizada e capaz de ter uma metafísica e sofisticação, tão altas como as formas culturais dos “brancos”.

Em *Le Prochain et le Lointain* (1970) um dos problemas levantados é o da integração, da coexistência de raças diferentes, “*unies les unes aux autres dans un même travail utile à l’humanité entière*” (Bastide, 1970, p. 30). Bastide pensa no caso da França e nos contatos dos franceses com os africanos, diferenciando-o do caso brasileiro. Suas propostas de integração passam pela “*miscégenation*” ou “*intégration biologique*” e pela proposta paralela de uma “*intégration sociale*” (Idem, p. 30-31). Entretanto, penso que a referência ao problema da integração dos “outros” à sociedade nos indica uma polêmica interna dos textos de Bastide com os temas da modernidade e da modernização.

Estes temas estão presentes em vários momentos de sua reflexão, principalmente quando faz referência à sociedade brasileira. É interessante notar como o desejo de modernização da sociedade e de sua transformação em uma sociedade de classes capitalista interfere nas análises sobre o negro brasileiro. Bastide sofreu críticas às suas análises da tradição e da cultura africana ou afro-brasileira que as caracterizavam como empecilhos para a integração do negro à sociedade moderna. Esta vonta-

de de modernização já anuncia a impossibilidade e a negatividade de ter outros em seu interior.

Estas críticas vinham de Anísio Teixeira que acusava Bastide de contribuir para “a subsistência dos candomblés e [ter] impedido ou retardado a obra de assimilação do negro do Nordeste à cultura ocidental”<sup>3</sup>. Outro crítico da valorização das sobrevivências africanas pelos antropólogos e sociólogos é Guerreiro Ramos, para quem os “negros estariam mais identificados com a cultura da classe dominantes”. Para ele a referência ao passado africano não ajudaria “os negros a se elevarem em termos sociais”, não daria atenção à sua problemática social e política (Idem, p. 271). Em suas palavras, seria

“desaconselhável que o trabalho sociológico, direta ou indiretamente, contribua para a persistência, nas nações latino-americanas, de estilos de comportamento de caráter pré-letrado. Ao contrário, no que concerne às populações indígenas ou afro-americanas, os sociólogos devem aplicar-se no estudo e na proposição de mecanismo de integração social que apressem a incorporação desses contingentes humanos na atual estrutura econômica e cultural dos países latino-americanos”(Guerreiro Ramos, 1954, p.17 Apud Maio, 1997, p. 286).

Esse texto diz muito sobre um tipo de proposta de modernização da sociedade brasileira, na qual o negro deveria ser assimilado, necessariamente. E também sobre um estreitamento dos espaços – que se tornava cada vez mais presente – para trabalhos sociológicos ou antropológicos como os de Bastide. Segundo Guerreiro Ramos, o subdesenvolvimento do país não admitiria a “gratuidade do trabalho sociológico”, o qual deveria responder “ao interesse nacional de superação do atraso econômico e social do país” (Guerreiro Ramos, 1954b Apud Maio, 1997, p. 289).

É este o contexto do processo de modernização do Brasil na década de 1950, na qual os sociólogos não somente deixam para trás “um Brasil tradicional mas também procura[m] superar as interpretações tra-

<sup>3</sup> Bastide, 1953 apud Maio, 1997, p. 229.

dicionalmente elaboradas a seu respeito”. Para Maio, a década de 1950 suscitaria a crença, em muitos intelectuais, “na possibilidade da formação de um capitalismo nacional autônomo” e revelaria

“uma das contradições fundamentais pensadas à época: o conflito entre o padrão tradicional, atrasado, arcaico e o padrão moderno de desenvolvimento econômico-social... O padrão tradicional e o etnocentrismo, diante da necessidade de se construir um caminho autóctone, representariam a face antimoderna e antinacional do país” (Maio, 1997, p. 302, 299).

O papel do intelectual seria o de intervir na “superação das mazes do subdesenvolvimento em contexto nacionalista” (Idem). Diante deste quadro, pode-se ver até que ponto a produção de Bastide foi mal compreendida. Embora a polêmica com Guerreiro Ramos e com Anísio Teixeira seja limitada a certo momento, ela indica que a obra de Bastide e outros autores, mais preocupados com aspectos culturais, tiveram sua leitura cristalizada de formas semelhantes em certos grupos de intelectuais. A visão distorcida de que em Bastide o negro seria um mero objeto etnográfico, destacado da sociedade dos vivos, não faz juz ao esforço intelectual de uma obra, na qual o negro brasileiro recebe as mais variadas análises e abordagens através da poesia, teatro, movimentos negros, religiões afro-brasileiras, etc. A imagem do “negro” constituída pela obra de Bastide não é a do que deve ser assimilado, mas o do que tem algo importante a oferecer à sociedade. Assim, Bastide parece demonstrar ceticismo quanto aos processos modernizadores em vários momentos de sua obra (Peixoto, 2000, p. 195), ceticismo esse que se mostraria nas críticas à assimilação.

Em Ortiz existe também uma tensão entre o “outro” e o “mesmo”, mas que tem outros desdobramentos: o “outro” pode ser traduzido ao final de sua análise como um “nós” (Renato Ortiz, 2000, p. 184). Seu exemplo, o Japão e os japoneses, tradicionalmente vistos como outros, como muito diferentes de nós, seja através da literatura dos jesuítas, dos viajantes do século XIX e começos do XX, da imprensa e dos intelectuais brasileiros da primeira metade do século XX, são vistos



como prova de um processo de mundialização e de globalização que os torna parte integrante de um mundo em que o consumo nos torna muito iguais uns aos outros. Nesse sentido, o acirramento do capitalismo e da modernização nesse momento traria a possibilidade de se ver um aplainamento de certas diferenças e o encurtamento de distâncias físicas ou culturais.

Estamos falando, portanto, de dois momentos diferentes. É interessante observar que as duas obras se baseiam na análise de sociedades que apresentam relações diferenciadas com a modernidade. O Brasil sobre o qual Bastide reflete é o Brasil das décadas de 1940/1950, no qual se incrementa o processo de industrialização e de modernização, e de institucionalização das Ciências Sociais, é o país em que se inicia a reflexão sobre o preconceito racial, de classe e de cor. Mas também é o mundo do pós-guerra, atônito com os resultados do nazismo, em que se percebe uma territorialização marcada e o racismo como uma forma de distanciamento entre os diversos membros dessa humanidade.

O mundo sobre o qual Ortiz faz sua análise é o mundo não mais das viagens, mas dos deslocamentos, da mundialização, de formas de consumo e de massificação da cultura nunca antes vistas. Mundo em que as alteridades são cada vez mais subsumidas pela modernidade.

## **DOIS VIAJANTES E SUAS VISÕES**

De muitas formas as duas obras aqui referidas nos falam de dois mundos diferentes, um em que as territorialidades eram mais marcantes e outro em que as fronteiras se diluem cada vez mais – pelo menos em certos setores do mundo. Ortiz assinala que a “nação se realiza historicamente através da modernidade” e que a problemática nacional está vinculada à problemática mais abrangente da diluição das fronteiras. Assim, as sociedades modernas pediriam relações sociais que extrapolassem os contextos locais de interação. A modernidade deslocaria as relações sociais para um território mais amplo, mas também exigiria desenraizamentos futuros mais profundos, como os atuais, nos quais a globalização

aparece como uma expansão da modernidade-mundo (Renato Ortiz, 1996, p. 79-83).

A “modernidade-mundo” vista por Ortiz através de sua viagem ao Japão – ou deslocamento nessa modernidade-mundo – é uma análise que traz o choque de experienciar a modernidade em suas manifestações mais novas, ou seja, através da globalização e da mundialização da cultura. Um mundo no qual as noções de próximo e distante se diluem, ao menos no terreno cultural e do consumo, embora subsistam nichos de diferença e de distância que não podem ser esquecidos.

O exemplo do Japão é provocativo. Um país e um povo que historicamente são tratados como “outros”, de repente são aproximados do resto do mundo através do consumo. Eu conhecia os japoneses como “outros”, dos discursos dos viajantes do século XIX e XX, dos textos antinipônicos brasileiros e norte-americanos da primeira metade do século XX e de textos elaborados pelos próprios japoneses imigrantes e filhos de imigrantes (Nucci, 2000) e de certas narrativas dos dekasseguis. Ou seja, eu conhecia o discurso da afirmação da diferença. Acredito que esta vivência da diferença é relativizada pelo texto de *O próximo e o distante* (2000) de uma forma que faz com que não possamos mais encará-la de forma tão fechada. Ela está presente, mas o processo de mundialização dá mostras de sua força, reduzindo as dimensões de certas partes do mundo, fazendo “dobras” que aproximam partes opostas, desterritorializando cada vez mais espaços, o que pode tornar o peculiar em algo global.

Esse ponto de modernidade, entretanto, nos faz voltar os olhos para uma época menos recente. O Brasil que Bastide pesquisou era um país em que se defrontavam pólos crescentes de modernidade com regiões em que a tradição sobrevivia - e ainda sobrevive, tomando formas variadas. As críticas que recebeu de Anísio Teixeira deixam claro que as escolhas políticas e intelectuais de 1950 tomavam corpo e se afastavam de outras propostas intelectuais, como as suas, as de Édison Carneiro, Arthur Ramos e outros que estudaram o “negro brasileiro” através de sua cultura religiosa. Candomblés, macumbas, umbandas e outras coisas mais significavam para estes críticos o estado cultural e moral inferior do negro, que deveria ser elevado através da educação, da proletarianização. A

teoria da modernização de origem norte-americana que se difunde pelo Brasil pensava a passagem da sociedade tradicional para a sociedade urbana industrial através de etapas, o que indica uma filiação à noção de progresso. Neste sentido, o processo de transformação das sociedades é pensado de forma a opor tradição e modernidade, onde a tradição é algo a ser necessariamente superado, e imaginado como mudança em determinada direção.

Ao retornar à França, Bastide encontra o mesmo tipo de crítica por parte de estudantes africanos (Bastide, 1970, p. 32-33). É interessante notar a compreensão destes setores pró-modernização que só vêem uma via para a emancipação do negro, numa dimensão de modernização que mostrava sua presença através de certos traços, como a industrialização, a homogeneização cultural e dadas leituras intelectuais sobre o negro. Nesse sentido, Bastide fica perdido entre dois mundos, o Brasil e a França, como o próprio Ortiz já notara (Ortiz, 1994). Mas sempre pode ser retomado para uma visão crítica da modernização como substituta inexorável da tradição, e como uma visão diferenciada sobre a alteridade.<sup>4</sup> Não se pode perder de vista que o ceticismo de Bastide quanto à modernização tem como contrapartida a valorização cultural do “outro” e das possibilidades trazidas por ele.

“*Africanus sum*” foi sua resposta aos críticos que diziam que somente os negros poderiam escrever sobre os negros (Bastide, 1971, p. 44). Indica, também, que Bastide tinha outras formas – bem diferentes das da nossa “modernidade-mundo” – de tornar o distante próximo de sua experiência.

**ABSTRACT:** In this paper Roger Bastide’s book *Le Prochain et le Lointain* (1970) and *O Próximo e o distante: Japão e Modernidade-Mundo* (2000) from Renato Ortiz were analyzed to indicate each author’s peculiarities and time in the focus of the themes of modernity,

---

<sup>4</sup> “O primitivo e o arcaico na obra de Bastide ensinam menos sobre o passado e sobre as origens do que sobre o presente que eles problematizam e colocam em cheque. A diferença, portanto, mostra-se extremamente profícua como instrumento de indagação da nossa sociedade, oferecendo inclusive modelos – utópicos – que orientem a sua transformação” (Peixoto, 2000, p. 205).

modernization and of "the other", seen in the Social Sciences. If is a fact that sociological objects are built and change according to the contexts and times, the reading of the two texts serves to historicize and show certain changes.

**KEYWORDS:** Roger Bastide, Renato Ortiz; globalization; modernity; modernization.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BASTIDE, R. *Le Prochain et le Lontain Paris*. Cujas, 1970, 303p.
- \_\_\_\_\_. *As Religiões Africanas no Brasil: contribuição a uma sociologia das interpenetrações de civilizações. Vol. I e II*. São Paulo, Livraria Pioneira Editora/ EDUSP, 1971 [1960], 567 p.
- \_\_\_\_\_. *O Candomblé na Bahia: rito nagô*. ed. São Paulo, Ed. Nacional; Brasília, INL, 1978 [1ª. edição francesa 1958], 298p.
- \_\_\_\_\_. "Carta aberta a Guerreiro Ramos". Anhembi, vol XII, no. 36, nov. 1953.
- GUERREIRO RAMOS, A. *Cartilha Brasileira do Aprendiz de Sociólogo, e.a*, 1954a.
- \_\_\_\_\_. "Resposta a Roger Bastide". *Diário de Notícias*, 10/01/1954b.
- MAIO, M. C. *A História do Projeto UNESCO: estudos raciais e ciências sociais no Brasil*. Rio de Janeiro, 1997, 346p. Tese (Doutorado em Ciência Política) – IUPERJ.
- MORAES, E. J., "O idêntico e o diferente – Leitura de Roger Bastide" in Seminário De Cultura Brasileira, 4, São Paulo, 1984. *Revisitando a Terra de Contrastes: a atualidade da obra de Roger Bastide (org. de Olga R. M. Simson*. São Paulo, FFLCH/CERU, 1986, 105 p.
- NUCCI, P. *Os intelectuais diante do racismo antinipônico no Brasil: textos e silêncios*. Campinas, 2000, 153p. Dissertação (Mestrado em História) - UNICAMP.
- ORTIZ, R. *O Próximo e o Distante: Japão e modernidade-mundo*. São Paulo, Brasiliense, 2000, 203p.
- \_\_\_\_\_. *Um Outro Território: ensaios sobre a mundialização*. São Paulo, Olho d'Água, 1996.
- \_\_\_\_\_. "Le Voyage, le Populaire et l' Autre" in Claude Ravelet, *Études sur Roger Bastide: de l'Acculturation à la Psychiatrie Sociale*. Paris, L'Harmattan, 1996, 191 p.

- \_\_\_\_\_. “Les Utopies et l’Autre” in *Roger Bastide ou Le Réjouissement de L’Abîme*. Paris, L’Harmattan, 1994, 281 p.
- PEIXOTO, F. A. *Diálogos Brasileiros: uma análise da obra de Roger Bastide*. São Paulo, Edusp, 2000, 224p.
- SEMINÁRIO DE CULTURA BRASILEIRA, 4, São Paulo, 1984. *Revisitando a Terra de Contrastes: a atualidade da obra de Roger Bastide* (org. de Olga R. M. Simson. São Paulo, FFLCH/CERU, 1986, 105 p.